



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

BOLETIM

Sessão de 5 de Fevereiro

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. Eduardo d'Almeida, estando presentes os Directores Srs. Dr. Gonçalo de Meira, Dr. Alberto M. Fernandes, José L. de Pina, Francisco Martins e Alberto V. Braga, Secretário.

Foram admitidos sócios os Ex.^{mos} Srs.: Carlos Passos (Prohem), por proposta do Sr. Dr. Eduardo d'Almeida; Salvador de Araújo Dantas, por proposta do Sr. Alberto V. Braga; P.^o José Martins da Silva, por proposta do Sr. P.^o Adrião das Neves Saraiva.

Foi resolvido agradecer 43 volumes diversos, versando todos êles assuntos coloniais, ao Sr. Ismael Alves da Costa, que teve a gentileza de os oferecer à Sociedade como penhor da sua grande simpatia por esta casa de instrução a que muito quer e à qual tem dispensado muitas atenções, resolvendo-se mais que êsses livros, por vontade de S. Ex.^a e acôrdo da Direcção, fôsem oferecidos como prêmio aos alunos mais distintos das escolas primárias do concelho, na festa tradicional de 9 de Março próximo.

Pensou-se também na maneira mais fácil de organizar um horário de serviço que torne mais acessível e mais rápida a visita ao museu da Colegiada.

Deliberou-se que as buscas de documentos pertencentes ao arquivo da Colegiada (hoje em poder e sob a guarda da S. M. Sarmento) fôsem remuneradas, cobrando-se 5 escudos pela busca de cada um dos documentos posteriores a 1700, e 10 escudos sendo anteriores, ficando metade da importância para conservação do mesmo arquivo e a outra metade para o encarregado das buscas.

Nesta sessão tratou-se desenvolvidamente da maneira de realizar a festa tradicional e simpática de 9 de Março, tendo-se expedido os necessários officios, e acordado em dar à festa o maior significado de apêço e a maior elevação espiritual.

Em nome da Direcção o Sr. Presidente declarou que a Sociedade Martins Sarmento se associava ao luto da mentalidade portuguesa pelo falecimento de Teófilo Braga. Bem merecia êle de nós essa triste e piedosa homenagem pelo affectuoso entusiasmo com que pusera a valiosa e arreigada autoridade do seu nome na defesa da obra científica de Martins Sarmento, de quem se conservou sempre admirador e amigo, apontando, em vários ensejos, ao mundo culto as pacientes e laboriosas investigações do grande e querido sábio vimezanense. O predomínio, a ascendência intelectual de Teófilo Braga foi inteiramente sensível nas gerações a que presidiu pelo quasi unânime consenso de cientistas, de literatos, de artistas, de políticos e de jornalistas, ainda os mais afastados e desconformes com a sua rebeldia, a espartana severidade da sua crítica e da sua orientação, não raro marcada por um partidarismo exclusivista. E nessa influência, sentida de camada a camada e da escola à vida pública, exercida dia a dia pela sua formidável laboriosidade — a de uma vida enclausurada em estudo, sem fantasias nem diversões, monástica e fria —, se filiam a modificação de certos costumes chumbados à rotina, a propaganda frutuosa da filosofia positiva entre nós, o amor às novas modalidades das ideias de progresso e de organização social e o estudo cuidadoso e affectivo dos precedentes da nossa vida artística, ou seja o gosto pelos estudos da história da literatura portuguesa. Acumulara um verdadeiro tesouro de informações, em que, embora, como diz o nosso ilustre consócio Dr. Alfredo Pimenta, seja preciso joeirar muito, se encontram elementos valiosíssimos. Ele próprio notara essas deficiências, naturais em quem tanto se empenhara a levar a cabo, no breve termo da vida, obra de tam vasta e difficil grandeza: «Apesar da subordinação de toda a actividade mental a um plano entrevisto, que se ia desvendando em consequência do trabalho, é certo que a minha educação intellectual se fêz dia a dia diante do público;

tôdas as minhas vacilações, incertezas, incompletas ideias, vagas doutrinas e incoerências de exposição e de estilo, ficaram impressas na trajectória do espirito, prestando-se à crítica particularista de uns, lamentando errados caminhos que seguíamos, outros chasqueando das teorias, e quasi todos considerando a exuberância da produção como inferioridade."

O receio de Herculano não se realizara: Teófilo Braga teve querer, vontade — querer e vontade de consagrar a sua vida, com exclusão de interesses ou pequeninas vaidades, ao bem intelectual da sua Pátria, que amou do passado ao futuro.

Referindo-se ao falecimento de Arnaldo Pereira, disse: Quando morreu era já um "esquecido". A nossa crítica literária, com muito poucas, notadas e honestas excepções, tem subvertido os valores, tomando para padrão o gosto mercantil, a feira das livrarias, e daí conferindo as suas coroas de louvores em papelão doirado, que assim não passam de anúncios comerciais como quaisquer outros. Arnaldo Pereira foi, no nosso tempo, um dos vimaranenses mais inteligentes. Dotado de imaginação opulenta, duma vibração febril, duma apurada sentimentalidade, era o poeta do instantâneo, com a facilidade do ritmo, a colorida frescura da improvisação, a graça da rima natural, afluente. Tôda a sua inteligência, de maravilhosa riqueza oriental, era apenas e grandemente coração. Muito novo, quando, impellido de sonhos, andava nos estudos, viu cair morto seu pai, artista honrado e pobre, e fulminada de loucura, à violência do golpe, a mãe estremecida. Nunca mais se lhe apagou dos olhos a visão macabra. Bondoso, impulsivo, boémio, tôda a vida espargiu o talento sobre o monturo, anónimo como todos os trabalhadores da noite, a noite exaustiva do jornalismo. Fôra no antigo *Vimaranense*, então a uma esquina da Rua de Santa Maria, que se haviam encontrado, a uma mesa de pinho, sedentos de ideal. Arnaldo Pereira publicara então um livro ingénuo de versos — *Lágrimas de Alma* — e compunha outro — *Idmhêa* —. Travar-se combate contra o jogo. Respeitáveis cavalheiros, amigos da banca francesa, metidos em causa, fizeram da questão moral bulha de políticos e o Arnaldo Pereira foi para a cadeia pelo crime... de

abuso de liberdade de imprensa. Mais tarde caiu em Lisboa. De lá, uma vez, apareceu em Coimbra, no quarto de um outro grande poeta e vimaranense illustre, arrastado por um sonho de amor... Tinha excepcionais faculdades. O jornalismo exauriu-o como a veio rico donde a eloquência, o engenho, o surto, o apópósito, a inventiva, o talento jorravam com farta abundância. E mal as forças o desampararam, deixou-o ficar como esquecido, a braços com a sua miséria. Tem a certeza certa de que, mesmo assim, Arnaldo Pereira morreu como vivera — a sonhar!

Sessão extraordinária de 21 de Fevereiro

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. Eduardo d'Almeida, estando presentes os Directores Srs. Dr. Gonçalo de Meira, Dr. Alberto Martins Fernandes, P.^e Anselmo da Conceição e Silva, José Luís de Pina, Francisco Martins e Alberto V. Braga, Secretário.

Mais uma vez, nesta sessão, desenvolvidamente se tratou da festa 9 de Março, pondo-se em ordem e despachando-se todos os assuntos a ela referentes, demais que, êste ano, a Direcção se empenha em dar-lhe o brilho e esplendor a que tem jus.

O Sr. Presidente comunica que o Sr. Dr. Mendes Corrêa, homem de ciência e distinto lente da Universidade do Pôrto, aceitou, a instantes pedidos, vir no dia 9 de Março, à noite, realizar no salão nobre, uma conferência sob o tema — "Os povos primitivos da Lusitânia", associando-se assim, como S. Ex.^a diz, com o maior prazer à homenagem a prestar a Martins Sarmento.

Leu também o Sr. Presidente uma penhorante carta do Sr. Jaime de Magalhães Lima, que veio em resposta a um officio que se lhe dirigiu, pedindo a S. Ex.^a a subida honra de vir a esta Sociedade falar do homem illustre e nossa verdadeira glória — Alberto Sampaio — por quem aquele apóstolo da verdade e homem de profundo saber tem a maior consideração e em bom aprêço a sua obra que, não sendo vasta, é

rica, utilíssima, pensada e altamente sólida e valiosa. O Sr. Presidente lê entusiasmado a sua carta e todas as palavras nos vão recordado Alberto Sampaio e mostrando o culto que o Sr. Jaime de Magalhães Lima tem por êle.

«Senhor Presidente da Sociedade M. Sarmento :

Muito me honra a carta que V. como presidente da Sociedade Martins Sarmento se dignou dirigir-me em 8 do corrente, convidando-me a ir falar a essa Sociedade do homem notável que tanto a amou, Alberto Sampaio, glória claríssima das letras pátrias. Profundamente me penhora e desvanece que perante tam distinta corporação seja eu autorizado a associar o meu obscuro louvor à consagração de quem tam alto ergueu o estudo da história nacional.

E' deferência que nada fiz para merecer e só pode justificar-se pela largueza de ânimo de quem a concebeu e pela veneração que me prendeu ao grande mestre, cujas lições tenho como uma bênção e ainda hoje me guiam.

Se somente me rendesse à mingua das minhas fôrças para tam elevada missão, embora fervorosa fôsse a devoção com que a aceitasse, imediatamente declinaria o subido favor com que a Sociedade Martins Sarmento me obriga. Tanto mais que as exigências da idade há muito me exoneraram por completo de encargos desta natureza, os quais de forma alguma podem competir aos que à escassez de recursos originária juntaram a debilidade de uma adiantada velhice.

Mas tanto me cativa a gentileza que me procura e tanto me exalta a admiração e o affecto que por tantos modos me iluminou e suavizou a vida, que na verdade me sinto inclinado a esquecer a própria insuficiência e meus fundados propósitos de retraimento absoluto e a deixar-me convencer pela liberal solicitação que me chama.

Se ainda assim VV. persistirem em seu convite, poderei eu ler a essa illustre Sociedade como um resumo do livro em que estou trabalhando, sobre Alberto Sampaio, as suas «Vilas» e a interpretação da «História Nacional».

Aí procuro prestar o meu pobre culto aos extraordinários talentos e austero e puríssimo carácter dessa singular e poderosa individualidade.

Todavia, quando assim haja de acontecer, não me será fácil, por motivos de saúde, ausentar-me de casa para êsse efeito antes do começo do próximo mês de Abril, quando o tempo se torne menos agreste.

Aguardando entretanto as ordens de V., rogo que com o testemunho do meu vivo aprêço aos assinalados serviços que à pátria portuguesa a Sociedade Martins Sarmento, da digna presidência de V., tem prestado, haja V. por bom o protesto da subida consideração pessoal que me prezo de lhe tributar.

Eixo (Aveiro), 18 de Janeiro de 1924.

Jaime de Magalhães Lima.»

Foi por unanimidade resolvido agradecer tam deferente carta e pedir ao Sr. Magalhães Lima que venha realizar a prometida conferência por todo o mês de Abril e em dia escolhido e determinado por S. Ex.^a, dirigindo-se-lhe o seguinte officio :

«Ex.^{mo} Sr. Jaime de Magalhães Lima :

A Direcção da Sociedade Martins Sarmento, em reunião de 21 de Fevereiro, tomou conhecimento da gentilíssima carta em que V. Ex.^a, com carinhoso esforço sobre a sua modéstia e as suas occupações de intensa vida espirital, se dignaria honrar a cidade de Guimarães com a sua visita e a esta casa com a lição alta e dignificadora da sua palavra de Mestre, muito querido e indiscutivelmente respeitado.

Nós bem sabemos e atentamente medimos o sacrificio pessoal que para V. Ex.^a representa a sua cativante deferência — a nossa gratidão não esquecerá nunca.

Mas, Ex.^{mo} Senhor, o nosso empenho em prestar, com a autenticidade do seu nome, uma condigna homenagem à límpida memória de Alberto Sampaio, se nos levou e permitiu a audácia de o procurarmos, hoje mais nos aviva, enternecidos, e nos afervora o desejo : é uma dívida que sobre nós pesa e nos cumpre resgatar com galhardia. Ninguém melhor do que V. Ex.^a o poderá fazer e é por isso que, com ansiedade, com íntima e fremente devoção, de novo pedimos nos autorize a insistir e a dizer-lhe — já que para tanto nos favorece a sua bondade — que o ficamos esperando para o começo de Abril. V. Ex.^a nos marcará, com a possível antecedência, o dia que escolher e o título com que devemos anunciar a conferência nos convites.

E desde já nos colocamos inteiramente à disposição de V. Ex.^a para o que lhe pudermos ser prestável.

A V. Ex.^a pedimos aceite, com os nossos protestos da maior consideração pessoal, o rendido tributo da nossa admiração e reconhecimento.»

O Sr. Presidente apresenta uma proposta elevando o Sr. Dr. Francisco Gomes Teixeira à categoria de sócio honorário da Sociedade Martins Sarmento. Foi unanimemente aprovado.

Sessão solene de 9 de Março

Do «Comércio de Guimarães» transcrevemos, com a devida vénia, a narração da festa de 9 de Março:

«Foi este ano levada a efeito com todo o brilho e com toda a distinção, prolongando-se a festa até à noite pela conferência primorosa do distinto homem de ciência Dr. Mendes Correia.

A sessão solene, comemorativa do 42.º aniversário da Sociedade Martins Sarmiento, abriu sob a presidência do Sr. Dr. António Portas, representante da Câmara Municipal de Guimarães, usando em primeiro lugar da palavra o Sr. Dr. Eduardo d'Almeida, que leu uma brilhantíssima alocução.

Depois, o Sr. Dr. António Portas mostrou o quanto se interessa pela escola primária, dirigindo-se em boas e sadias palavras ao professorado, tendo frases de ternura e de amor para as crianças, para a sua festa, e enalteceu a figura respeitável de Martins Sarmiento.

Em seguida procedeu-se à distribuição de prémios de livros e diplomas, e dos prémios pecuniários aos alunos mais aplicados e distintos das escolas primárias do concelho.

Finda a distribuição, o Sr. Presidente concede a palavra ao Sr. Reitor do Liceu, que leu entusiasmado à distinta assembleia um discurso bem pensado e brilhante, versando de preferência o assunto magno e vasto da instrução.

Depois foi dada a palavra ao Sr. Capitão Fraga, que proferiu com calor e entusiasmo um verdadeiro discurso, afirmação do seu talento e dos seus dotes oratórios. Bem orientado, e principiando muito de longe, com um rodeio de ciência que aos nossos ouvidos se ia tornando uma lição de interesse, S. Ex.^a brilhantemente e cada vez mais entusiasmado levou-nos até à escola e enalteceu as vantagens da instrução, que forma, quando bem ministrada, os homens de amanhã, robustos, sadios, bons de coração e firmes de sentimentos. Foi um belo discurso.

A sessão terminou às 2 horas da tarde, sendo no final distribuído às crianças, como de costume, um abundante lanche.

A noite

O salão nobre da Sociedade Martins Sarmiento estava adornado com simplicidade; as luzes davam um brilho de realce à distinta apresentação das senhoras, quer nos seus vestidos, quer nos seus adornos e enfeites.

A festa foi das mais elegantes. A conferência das mais primorosas.

A festa principiou por dois números do Orfeão de Guimarães, que, diga-se, dá sempre àquelas festas da Sociedade uma nota de realce, de pompa, de arte e de encanto, quer pela irrepreensível apresentação dos orfeonistas, quer pela execução apurada dos seus números de canto.

Depois o Sr. Dr. Gomes Teixeira, debaixo dum silêncio profundo de respeito, fez a apresentação do conferente, enaltecendo as suas qualidades de orador e de talento, e fez uma resenha da sua obra vastíssima como homem de saber e de ciência.

Foi muito aplaudido.

O conferente principia então por agradecer a honra penhorante que lhe concederam para vir ali realizar uma conferência e ele sentia-se bem ali dentro daquela casa, que tem o nome aureolado do homem profundo de saber que ele sempre admirou e respeitou.

A sua conferência foi de molde a mostrar-nos os homens da Lusitânia, as suas tendências artísticas e as suas descendências através de idades, as mais remotas, vindo assim num desenvolver erudito e sem deixar complicar a sua conferência na aridez do assunto.

Sua Ex.^a é um verdadeiro orador; boa dição, voz magnífica e gesto desprendido e largo, chegando a arrebatara a assembleia com o seu hino final de amor à Pátria.

Foi uma conferência de um verdadeiro homem de ciência e de valor.

No final o Sr. Dr. Eduardo d'Almeida agradeceu ao conferente em palavras de respeito a sua valiosa cooperação no 42.º aniversário da Sociedade Martins Sarmiento.

Foi uma festa agradável e linda, como só as sabe organizar aquela instituição de Guimarães, honra de todos nós e orgulho da nossa terra.»

*

A alocução proferida pelo Sr. Presidente da Sociedade Martins Sarmiento, foi a seguinte:

A vida espiritual, cruamente ferida e enlodada no pântano de sangue, nublou-se ao espectáculo desolador — talvez sempre o mesmo, talvez ainda empiorecido — do novo mundo ignominioso. Ascenderia — assim rezava a canção épica — florido de ideal e magnífico de beleza, dos cardos lacrimantes às tímidas estrélas, em santificação, redimidora e fecunda, do bom, do justo e do verdadeiro, o sacrifício de tantos lares — e andam penadas as almas dos mortos na lóbrega noite, chameirenta, em que aos uivos do vento pela imensidade procelosa dos mares se abraçam as risadas do pranto no deserto ansioso da terra.

Pungentíssima, à bruteza escandecida e assombrosa de tamanha luta, a dor — a velha dor secular que foi o primeiro grito rouco, o primeiro gesto esquerdamente cómico, o primeiro beijo suave e bárbaro, na selva densa — estalou o coração do homem: e ele já não é sentimento, amorável e doce, mas, coriscado de epilepsia, apenas o acto instantâneo e egoísta, devorando atônito o acaso da vida no pequeno momento incerto do presente.

Entristeceu o pensamento humano.

Sumido e esquálido, como sombra de peregrino arrastando por longadas e caminhos o espectro do seu desengano e sua revolta, — e quem se lembra dêle, o coitado sonhador da humanidade mais

perfeita em humanidade, adentro do grande salão de baile, onde a sociedade moderna — luarina de sédas, no orvalho macio das pérolas, borboleteando o brilho e a cor das gemas, poeirada nas ondas de perfume, sob a fulgorosa estridência da electricidade — arcabuja, se exulcera de prazeres e se arripia de frio, se entreolha com feroz desconfiança e medo pânico, esfusua nas contorsões do sofrimento, e, entontecida, anémica, envenenada de cocaína e de miséria — enquanto no ar doirado se mordem os ritmos da harmonia musical e expressiva e as sonorações tantilantes, crespas, languescidas, do arraial africano — desmaia e cai de fome?

A vontade, que éle adextrara e surtira ao influxo do raciocínio positivo; a instrução, semeada como bago e greio de luz; a família, que era a alma da sua alma na contingente imortalidade dos séculos; a honradez, tornada instinto físico; o respeito ao passado, no amerceamento à tradição e na aula da história — onde ia empenhaver-se à cinza, dinamismo da sua existência efémera — vasto campo santo — e a crença no futuro, ungiu-o de maravilhosa energia e fortalecendo-lhe o génio; o culto da moral, arrancando-nos pela frágua do sacrifício e erguendo-nos à comunhão da infinitíssima do nosso átomo com a grandeza do universo; a religião, a que ajoelhara — não pedindo o mantimento, em absoluto, da felicidade própria ante e contra a miséria revolta, nem como sistema de abnegação e contenção dos oprimidos — mas no anseio fervoroso e livre, humilde e altíssimo, de modelar-se à imagem e dignidade das aspirações mais nobres; a política, essa terrível instabilidade do nosso querer e do querer alheio; a filosofia, cruzando os adejos dos poetas e as deduções da ciência; a arte — eterna maravilha da cor infinitando o olhar; clamores de som, do grito ao murmúrio, traduzindo as tragédias da natureza e dando expressão às tempestades e até à mudez da alma; a plásmica das formas esculpidas em sol e em mancha... quanto o essencializava de pensamento humano... — como tudo, após o dilúvio de fogo e nesta mascarra grosseira, vencido ou disperso, mais ancho ou somenos, se transformou, diluiu ou ásperamente radia em desconhecidos aspectos!

¿Será o mesmo, não será o mesmo, o triste e consumido pensamento? A inconsciência neurótica e jogralesca da nossa vertigem! Escachioa o solo em lava de vulcão — e dizemnos: «passos de dança»; tumultua o oceano da gente espantosa — «é a indisciplina»; e nós vamos arrepeados no mesmo ódio; ensurdecem-nos os gritos de justiça — impomos o açoute: e não ouvimos nossa voz exausta a requerer justiça, farta já de pedir misericórdia...

Já dizia *Gil Vicente* no «Auto da Feira»:

«Que quando a vista he perdida
os olhos são por demais.»

Não é o scepticismo risonho e amargo, convencido de «ser a natureza humana sábia no raciocínio mas absurda no proceder», vendo com ironia a pequenez fútil das maiores tragédias e o vazio do que chamamos as realidades da ciência e a generosa miragem da filosofia, quanto é tamanino o nosso infinito — às vezes mera projecção no espaço e no tempo de uma apegada egocentricidade — e como se desfazem no pó dos séculos as civilizações e os génios;

não é a descrença bisonha dos pessimistas, para quem o grande mal é haver-se nascido a esta vida cabrunhenta e má.

Diferente e mais grave. Tortura-nos a dúvida. Somos as sombras hantéticas, learescas, da dúvida. Baqueou a nossos olhos o mundo social, tam penosa e lentamente construído, e perdeu toda a importância a vida física, a vida de milhares, empapando a terra hiante, sob a noite gelecida e amedrontada, a vida das crianças, entregando-se, de poucos anos, ao desespero e nirvânico repouso do suicídio, a vida à sorte da insânia criminosa, terrível de ferocidade, que alastrou por céu e mar e dali nos espreita, ao virar da esquina, no trânsito da praça. Não perquirimos já do futuro, como vasto mistério sedutor, onde os filhos conhecerão, a outra luz, a paisagem de novas eras — melhores, piores? —; sobressalta-nos o presente e, a cada minuto que passa, estremecemos reccando éle não finde sem abruptamente ser alterada a face do mundo. Confessemos — nesta dúvida anda uma certeza: a de inevitáveis mudanças, temidas e suplicadas, resultantes da parcelar inconformação de cada um e soma da revolta clamantíssima de todos. De todos. E digamos ainda que, nessa maré de fogo subinte, crepitam as ideias boas e os bons sentimentos por nós espalhados, mas se revolvem também, implacavelmente, as nossas loucuras e nossos erros.

Conturbado, ferido, o pensamento humano, sustendo ainda a desconfiança de muitos — porque a pobreza é mais amarga e mais pobre — e surdo ao escárneo de tantos — o rico endoideceu de sofreguidão e insolência —, não caiu vencido: ardeja, na excruciação do próprio sofrimento, por libertar-se, firme na consciência do seu destino, insuprimível de nossa natureza como a cabeça do corpo, e ascender, mas com humildade — a forma superior do sentimento esclarecido pela razão —, com doçura — a perseverança da energia —, com sacrifício heróico e santo, para se depurar e progredir, com misticismo, libertando-nos e ascendendo-nos da amoralização onde viemos jazer.

Sente-se palpitante em renascença. Enquanto nessa larga feira dos tresvários macabrizam, palhaçamente, ambições rastinhas, o homem, de novo atento à velha e eterna doutrina de Jesus do «amai-vos como irmãos» ou fazendo na ciência, com a multiplicação e radiação de esforços de genial subtilidade, um revolucionamento afectivo — para ela sirva de amparo e não de guerra ao semelhante; refugiado, com carinhosa, quasi doentia absorvência, no êxtase encantador, inegalável, supremo, da arte... da arte maravilhosa e sagrada... e desdobrando-a em fúlgidas e extensas comoções imprevisas como fecundo e nobre poder de sedução e simpatia; trazendo ao laboratório da análise e decompondo e reconstituindo todas as velhas ideias, os velhos sistemas, as verdades gastas; lançando de si como poeira ensombrante o verbalismo e sentindo a necessidade de ungi-se de pura idealidade; e que faz o homem senão reincarnar-se em sua natureza humana aquela natureza, acima da matéria, que tantas vidas mortas afeioaram? Sofreu — mas espera; caiu — mas levantou-se. Ainda tem luz no espírito e amor no coração. O seu destino é caminhar de século a século, da vida breve para a morte fecunda — éle caminhará. Para piores desenganos e mais ruínas desastres? Se só assim é bela e sentida a sua abnegação, como a do pai moirando pelos filhitos...

...Os filhos. Quanto se não estão envenenando na crassidão marasmada! O espectáculo da baixa leviandade e desbragamento dos costumes, o comodismo funéreo e alheado com que os misturamos, já e logo, a trágicas frioleiras... Testemunhas inquietas, vítimas inocentes, e que nós tornamos cúmplices de nossos crimes... O que elas ouvem e vêem por essas ruas, as pobres crianças. Vivendo a nossa mentira, ensinadas em nossos ódios, ansiosas à nossa instabilidade neurasténica, pálidas de espanto, boquinhos de rosa cantando a última desvergonha das revistas ao nosso aplauso babado e sensual. Fraquecidas de mimos falsos e grosseirizadas por asperezas súbitas. Ao nosso desleixo e grita, ao desleixo e grita comuns. Já não sorriem as crianças, já não sonham as crianças...

Será uma heresia indizível — desde a transformação da singela arte do ensino em amedrontante ciência apocalíptica, o alfabetismo difundiu-se, por certo, outros e mais valores se activaram e em muito a escola se alterou para melhor; mas nunca, também, pesou mais a ignorância dos que se pretendem instruídos, se estabeleceu mais flagrantemente o confronto entre o saber e a utilização do saber e com tam inteira clareza se viu a distância que vai da inteligência ao carácter, do conhecimento vão à moralidade segura e forte de si mesma.

A guerra terminou a enchente de palavrosas sabatinas do pedantismo didático. Era descoroçoadora a antinomia entre o que se apostolizava como devendo ser o ensino e a apagada e monótona realidade do ensino, apenas mais denso e orgulhoso; lamentável a diferença do programa das escolas, na ideia, e o programa oficial, dêste e a função escolar. E continua sendo, com a agravante de se retardarem aquelas modificações, salutares à adextração do carácter, ao florescimento da inteligência, a um consciente dinamismo de vontade — muitas das quais, de envolta com a farrapagem do estilo e porção de ninharias mascaradas de alta ciência, se vinham já advogando — e que essas horas dolorosas tam assinaladamente demonstraram de urgentíssima necessidade.

Reconduzir o ensino a um fim de instrução e educação primacial, orientando-o às máximas mais puras do são espírito filosófico, essencial e inflexivelmente construtivo e não negativista, moldando-o às condições do meio e do tempo, com atento critério na escolha dos conhecimentos, pela sua utilidade, pela impressão que firmam, pelo reflexo ou vista geral que elles projectam ou entremostam sobre o mundo, condicionados à idade e com o desenvolvimento da criança — e não, como hoje, apesar de tôdas as arrevesadas pedagogias, a envenenar-lhe a alegria e até, como no ensino secundário, a matar-lhe a inteligência desabrochante —, trazendo das várias sciências o aspecto fundamental, as conclusões seguras, seu método e preocupação e não o disparatado e incongruente caos das especializações, recompondo a cultura humanista, que é soma de conhecimentos e de beleza, indo à tradição buscar e ressurgir o que marca indelévelmente a feição típica da nossa gente e da nossa terra — de modo que se torne um instrumento poderoso da dignificação do homem, de energia galharda na luta pela vida, de confiança em si mesmo e de prudência e respeito, radie simpatia, altruismo, amor, dê luz à inteligência, nervos à vontade e grandeza ao coração — em

tôda essa obra de ternura filial se empenhou ferventemente o pen-samento humano.

Saibamos aproveitar o que temos de bom — e é bastante, e varrer depressa e inexoravelmente quanto é mau — e se não conta. Já sacrificámos impiedosamente algumas gerações. Não há um minuto a perder. Salvemos nossos filhos de tremendíssimos desastres. Temos diante dos olhos a evidência de quanto é volúvel e frágil a riqueza material — procuremos deixar-lhes uma boa herança moral, a mais segura, a mais duradoura e a mais nobre.

*

Alunos premiados em 9 de Março de 1924.

Com livros:

Escola de Abação: Engrácia Guimarães e Joaquim Pereira. *Esc. de Santa Maria de Airão*: Olívia Pereira Vidal e Manuel Gomes da Mota. *Esc. de Arosa*: Adelaide Gomes e Manuel Martins Ferreira. *Esc. de Azurém*: Maria Rosa André Pacheco e António Lino da Veiga Ferreira Pedras. *Esc. de Santo Estêvão de Britteiros*: Delfina de Carvalho e Alexandre da Silva. *Esc. de Santa Leocádia de Britteiros*: Maria Lopes, Olívia Dias, Manuel Gomes da Silva e Manuel Vaz Teixeira. *Esc. de S. Salvador de Britteiros*: Cândida Alves e Avelino de Freitas. *Esc. de Caldelas*: Jossina da Silva Ribeiro, Albertina Ferreira, Albertina Rita Teixeira Lopes, Isildo Francisco da Silva, António da Silva Ferreira e Firmino da Silva Ribeiro. *Esc. de Cadoso*: Maria de Oliveira Rodrigues, Josefa Maria e António da Silva. *Esc. de Castêlões*: Emília Fernandes Rocha e António Barbosa. *Esc. de Corvite*: Rosa da Costa e António Romano Júnior. *Esc. da Costa*: Teresa de Jesus Lopes e José Gonçalves. *Esc. de Creixomil*: Elisiária Ribeiro Salgado e Gaspar Ribeiro Moura. *Esc. de Fermentões*: Deolinda Gonçalves Lima e Manuel Gomes. *Esc. de Gonça*: Emília da Silva e Ernâni de Oliveira. *Esc. de Gondomar*: Carolina Martins de Macedo e Domingos Pinto. *Esc. de Guardizela*: Glória Barbosa da Silva e Alberto de Sousa. *Esc. Centrais de Guimarães*: Maria da Silva, Albertina de Oliveira Machado, Maria Leite, José Machado Tôrres, António Vieira e João da Silva. *Esc. de Infantas*: Emília Fernandes e Francisco José Fernandes. *Esc. de Infias*: Maria da Conceição Pedrosa e António Lopes da Cunha. *Esc. de Longos*: Adelaide Ferreira e Abel do Sameiro Gomes. *Esc. de Mesão-Frio*: Manuel Nobre e Maria Amélia Rebelo. *Esc. de Moreira de Cónegos*: Carolina de Sousa, Florinda Gomes Dias Pereira, Domingos de Sousa e Domingos da Silva Ribeiro. *Esc. de Nespereira*: Aurora Leite Pereira e José Alves de Abreu. *Esc. de Penteiros*: Maria Arminda Dias Bragança e José Guilherme Pinheiro da Silva. *Esc. de Potvoreira*: Manuel Abreu e Silva. *Esc. de S. João de Ponte*: Beatriz Lickfold da Silva, António de Oliveira e Joaquim Teixeira da Silva. *Esc. de Prazins*: Olívia de Freitas e António de Freitas. *Esc. de Ronfe*: Arminda de Jesus

e Manuel Gonçalves. *Esc. de S. Lourenço de Sande*: Idalina Correia Lopes e João Gonçalves. *Esc. de S. Torcato*: Ana de Freitas Tôrres e Arnaldo Alberto. *Esc. de S. Jorge de Selho*: João de Castro e José Sebastião de Menezes. *Esc. de S. Lourenço de Selho*: Emília da Silva e José Vaz Saraiva. *Esc. de Serzedelo*: Maria Leontina Teixeira e Domingos Pereira. *Esc. de Serzedo*: Luísa Pereira da Cunha e António José Morais Temudo Barbosa. *Esc. de Silvares*: Emília Mendes e Álvaro Pinheiro Salgado. *Esc. de Santa Maria do Souto*: João do Amaral. *Esc. de Urgezes*: Adelina Dias Pereira, António Francisco e Josefa Maria. *Esc. de S. Faustino de Vizela*: Maria das Neves Pereira da Costa e José Miranda. *Esc. de S. Paio de Vizela*: Ermelinda da Conceição Cardoso de Faria e Eduardo Magalhães da Silva. *Esc. da V. O. T. de S. Francisco*: Alice de Barros Martins e Afonso José Ferreira. *Colégio Académico*: Francisco Rocha da Silva. *Internato Municipal*: Gualdino Leite da Silva Matos. *Colégio de Nossa Senhora da Conceição*: Maria Alice Mesquita da Costa. *Esc. do Coração de Maria*: António Manuel Felgueiras Pedro. *Oficina de S. José*: Francisco Ferreira da Mota. *Esc. do Coração de Jesus*: António Alves Pinto. *Esc. de Nossa Senhora de Lourdes*: Maria Adelaide Leite Machado Correia Azenha. *Esc. Industrial*: Manuel Pinheiro. *Liceu Central Martins Sarmento*: Ângelo Augusto Pinto Coelho Simões. *Asilo de Santa Estefânia*: Josefa Maria Barbosa. *Esc. de Selho*: Alberto da Silva.

Prémios pecuniários:

Prémio Simão Costa Guimarães (50 escudos ao professor que maior número de alunos apresentar ao exame primário), concedido a Augusto Montes Guimarães. *Prémio Francisco Jácome* (16 esc. ao aluno mais distinto em exame de instrução primária), concedido a Ângelo Augusto Pinto Coelho de Simões. *Prémio D. Eulália Melo* (5 esc.), concedido à aluna do Asilo de Santa Estefânia, Josefa Maria Barbosa. *Prémio João de Melo* (5 esc. ao aluno mais distinto da Escola Industrial que se dedique ao comércio), concedido ao aluno Manuel Pinheiro. *Prémio Maria Emília* (6 esc. à aluna mais distinta e pobre de S. Martinho de Candoso), concedido à aluna Ana Machado Fernandes. *Prémio José de Meira* (6 esc. ao aluno com mais assídua frequência à escola de Selho), concedido a Alberto da Silva. *Prémio Francisco dos Santos Guimarães* (2 prémios de 15 esc. aos alunos mais distintos de Urgezes), concedidos a António Francisco e Adelina Dias Pereira. *Prémio D. Maria Sarmento* (5 prémios de 6 esc. a alunos pobres de diversas escolas). *Prémio Venâncio* (15 esc. a estudantes distintos e pobres das escolas da cidade). *Prémio extraordinário* (de D. Carlota Maria dos Santos e D. Margarida Augusta da Silva, 15 esc.), concedido à aluna Josefa Maria.

Sessão de 24 de Março

Presidência do Ex.^{mo} Sr. Dr. Eduardo d'Almeida, estando presentes os Directores Srs. Dr. Gonçalo de Meira, Dr. Alberto M. Fernandes, José Luís de Pina, Francisco Martins e Alberto V. Braga, Secretário.

Foram admitidos 14 novos sócios.

Pelo sócio Sr. Abel Cardoso foi comunicado à Direcção que o pintor Sr. Júlio Pina tinha o máximo empenho em organizar no salão nobre desta Sociedade uma exposição de tapetes artísticos, e, como se trata duma exposição digna, pedia a cedência do salão para êste fim. Resolvido satisfazer o pedido.

Tratou-se mais de organizar, preparar e dispor todos os serviços e trabalhos para a realização da conferência e homenagem a Alberto Sampaio, que será levada a efeito como merece aquele nome prestigioso, sendo orador o Sr. Dr. Jaime de Magalhães Lima.

Recebeu-se uma carta da douta Senhora D. Carolina Michaëlis, que transcrevemos na íntegra:

«Pôrto, 21-III-924. — A' Sociedade Martins Sarmento agradece penhoradíssima Carolina Michaëlis de Vasconcelos as palavras carinhosas que ela lhe dirigiu na Sessão de 15 de Novembro do ano passado, palavras das quais teve conhecimento agora mesmo pelo fascículo 4 do Vol. XXXIII da «Revista de Guimarães». E se pela oferta de quaisquer publicações dela, puder prestar serviços à Sociedade, pede que lho digam.»

Foi resolvido convidar o distinto publicista e jornalista, Sr. Dr. Joaquim Costa, a vir a esta Sociedade realizar uma conferência.

Resolvido também agradecer em ofício a todos os coadjutores da festa 9 de Março, estando sobremaneira penhorada a Direcção pela gentileza do conferente Sr. Dr. A. A. Mendes Correia e pela cativante amabilidade e distinção do sapientíssimo Dr. Francisco Gomes Teixeira, como apresentante do conferente.

A estes distintos homens de ciência, que muito honraram a Sociedade M. Sarmento, se confessa grata

a Direcção, assim como a todos os colaboradores e oradores que levaram a festa das crianças a um brilho e esplendor dignos de nota.

A Sociedade recebeu, desde o dia 1 de Janeiro a 31 de Março do corrente ano, as seguintes ofertas, pelas quais testemunhamos o nosso mais sincero agradecimento aos dedicados, amigos e generosos oferentes.

Para a biblioteca:

Livros

Ismael Alves da Costa, 20 volumes;
Câmara Portuguesa de Comércio e Indústria do Rio de Janeiro, 1 volume;
Ernesto Sardinha, 2 volumes;
P.^o Silva Gonçalves, 1 folheto;
Dr. A. A. Mendes Correia, 34 volumes e folhetos;
José Pinheiro, 2 volumes, 9 n.^{os} da «Rev. de Guimarães» e 3 folhetos;
Renascença Portuguesa, 9 volumes;
Luís de Pina, 1 volume;
Artur Lamas, 1 volume;
Dr. Augusto Pires de Lima, 1 volume;
Livreria Aillaud e Bertrand, 4 volumes;
Eduardo Lemos Mota, 27 volumes;
Manuel A. de Oliveira, 2 volume;
Guilherme Faria, 1 volume;
Filhos de B. V. Moreira de Sá, 1 volume;
Dr. Alberto Souto, 1 volume.

Para a colecção das revistas e jornais:

Gazeta das Aldeias — Semanário ilustrado de propaganda agrícola e vulgarização de conhecimentos úteis, fundado em 1896 —;
Revista Escolar — Publicação mensal de educação e ensino — Vila Franca de Xira —;
A Águia — Revista mensal de literatura, arte, ciência, filosofia e crítica social — Órgão da Renascença Portuguesa — Porto —;
Seara Nova — Revista de doutrina e crítica — Lisboa —;

Vida Musical — Brilhante revista sobre assuntos de cultura e movimento musical nacional e estrangeiro — Director, Gastão de Bettencourt —;

Boletim da Biblioteca Pública e do Arquivo Distrital de Braga — Vol. II, n.^o 2 —;

Revista Literária — Ano I, n.^o 1, Março de 1924 — Director, César de Frias — Interessante e proveitosa revista contribuindo para a expansão do livro escrito em língua portuguesa —;

Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia — Vol. II, fasc. I — Colaboração de A. A. Mendes Correia, Amândio Tavares e Constâncio Mascarenhas —;

Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria — Madrid — Ano I, tomo I, cuaderno 2.^o y 3.^o —;

A Publicidade Moderna — Lisboa — Director, Ribeiro de Sousa — Esta revista, única no género em o nosso país, propõe-se, por processos novos, estabelecer a propaganda ou publicidade nacional —;

O Instituto — Revista científica e literária — Coimbra — Sumário do n.^o 2, Fevereiro de 1924: «Guerra Junqueiro», por Alberto de Oliveira; «D. Jorge de Almeida e D. Afonso de Castelo Branco, Bispos de Coimbra», por Fortunato de Almeida; «Parentes Açorianos do Condestável Dom Nuno Alvares Pereira», por António Serpa; «Observância antiga dos Cônegos Regulares de Santa Cruz de Coimbra», por António Madail; «O movimento tipográfico em Portugal no século XVI», por Sousa Viterbo —;

Serviço d'el Rey — Director, Dr. Francisco Sequeira — O n.^o 6 do ano I insere brilhante colaboração de César de Oliveira, Marques da Cunha, Paiva Couceiro, António de Carvalho Cirne, Joaquim de Vasconcelos, etc. —;

Estudos — Revista mensal — Coimbra — Ano II, n.^o 19 — Colaboração de P.^o Alírio de Melo, P. Lourenço, José Augusto Vaz Pinto, etc. —;

Brotéria — Revista de vulgarização científica —;

Boletín Arqueológico de la Comisión Provincial de Monumentos Históricos y Artísticos de Orense —;

A Arquitectura Portuguesa — Revista mensal da arte architectural antiga e moderna —;

Portugal — Revista quinzenal do Rio de Janeiro — Publicação excelente, de propaganda de Portugal, bem colaborada e primorosamente ilustrada —;

Revista de Turismo — Publicação mensal de Turismo, propaganda, viagens, navegação, arte e literatura — Lisboa —.

— *A Fronteira*, Elvas; *Ecos da Avenida*, Lisboa; *Gil Vicente*, Guimarães; *Portugal Evangélico*, Porto; *A Razão*, Guimarães; *Correio da Manhã*, Lisboa; *Aurora do Lima*, Viana do Castelo;

O Comércio do Pôrto Mensal; O Comércio de Guimarães; O Cristão Baptista, Pôrto; Diário de Notícias, Lisboa; A Paz, Famalicão; Ecos de Guimarães; Portugal, Madeira e Açores, Lisboa; O Primeiro de Janeiro, Pôrto; O Progresso Católico, Pôrto; Jornal de Notícias, Pôrto; A Esfinge, Pôrto; O Lavrador, Pôrto; O Distrito de Portalegre; Jornal de Cantanhede; Jornal de Felgueiras; O Esposendense; Jornal de Albergaria; A Verdade, Lisboa; Correio dos Açores, Ponta Delgada; Jornal de Abrantes; O Desforço, Fafe; A Época (oferta do Ex.^{mo} Sr. P.^e José Maria da Silva); O Dia, Lisboa; O Jornal, Lisboa; Boletim da Câmara Portuguesa de comércio e indústria do Rio de Janeiro; Região Flaviense; A Democracia, Fafe; Notícias de Melgaço; Correio do Sul, Faro; Pôrto Académico; Universidade, Pôrto; A Rambóia, Fafe; Boletim do Centro Republicano Português de S. Paulo; Pimbal, Pôrto; Revista Infantil, Lisboa; A União, Lisboa.

Para os museus:

Cipriano Baptista Guimarães, 1 rosário;
Afonso da Costa Guimarães, uma moeda de cobre, portuguesa;
Coronel Duarte Amaral, um fragmento de cerâmica;
José Pinheiro, várias cédulas de Câmaras Municipais.

ALBERTO V. BRAGA.